



## Visões do labirinto no período clássico e em Comenius

### Visions of the Labyrinth at the Classical Age and in Comenius

Luís Miguel Ciríaco Pinheiro, Maria do Rosário Sampaio Soares de Sousa Leitão Lupi

Bello, João Miguel Custódio Ferrão Neto Simão

**Resumo:** O presente ensaio propõe uma específica definição do conceito de “labirinto” enquanto possível modelo para uma nova forma de conhecimento que recupere a dimensão unitiva do saber, perdida ao longo da História. Assim, apresenta-se um percurso retrospectivo, partindo da criação do labirinto clássico e do papel do Minotauro e avançando para o exemplo de Comenius, através do seu caminho em direção ao “paraíso do coração”. Como ponto conclusivo, pretende-se apresentar a proposta de uma utopia para o conhecimento que permita a junção da “emoção” à “razão”, numa unidade capaz de estabelecer uma colaboração efetiva entre diversas áreas do saber.

**Palavras-chave:** Labirinto, Minotauro, Razão, Emoção, Conhecimento, Utopia.

**Abstract:** The present essay proposes a specific definition of the concept of "labyrinth" as a possible model for a new form of knowledge that recovers the unitive dimension of knowledge, lost throughout history. Thus, a retrospective path is presented, starting from the creation of the classic labyrinth and the role of the Minotaur and advancing to the example of Comenius, through his path towards the “paradise of the heart”. As a conclusive point, we intend to present the proposal of a utopia for knowledge that allows the joining of “emotion” to “reason”, in a unit capable of establishing an effective collaboration between different areas of knowledge.

**Keywords:** Labyrinth, Minotaur, Reason, Emotion, Knowledge, Utopia.

#### *Introdução*<sup>1</sup>

O conceito de “labirinto” pode ser usado como metáfora para a natureza intrincada, labiríntica, do processo de conhecimento. No percurso de reflexão retrospectiva acerca desse processo, que aqui propomos, usaremos alguns conceitos-base, que começamos por definir sumariamente: por “emoção” entendemos a definição da neurociência atual, isto é, uma reação comportamental, e subjetiva, a um estímulo ambiental, sendo expressa mentalmente através de um sentimento; consideramos “razão” como a capacidade de refletir, ponderar e tomar opções com base na abstração mental, de carácter objetivo e lógico; por “fé” entendemos a aceitação de uma verdade razoável (embora não necessária ou estritamente “racional”), adquirida por experiência individual, sem possibilidade de prova para terceiros, pois se encontra para além do que pode ser

---

<sup>1</sup> Este artigo faz parte de uma investigação mais vasta e, como tal, apenas pode dar resposta a parte da problemática que descreve. Dada a extensão do tema, centramos a nossa escolha em opções pessoais.

recriado, imaginado ou demonstrado; finalmente, a “utopia” será entendida como o lugar, sociedade ou estados ideais, tal como foi descrita por Thomas More na obra homónima. Procuraremos argumentar que a “utopia” existe também no ser humano integral (que não isola “razão de emoção”), e no conhecimento ideal e universal (a Pansofia de Comenius). Na cultura clássica o conceito de labirinto está associado ao mito da morte do Minotauro: Ariadne fornece a Teseu a ligação entre “razão” e “emoção”, ao entregar um fio a este, para orientação no labirinto. Situação semelhante vislumbramos na obra de Comenius, “O Labirinto do Mundo e o Paraíso do Coração”, que começa com a passagem de casais recém-casados através de um portão que dá acesso ao labirinto do mundo (logo, à possível união entre o masculino e feminino, tradicionalmente “razão” e “emoção”).

Na antiguidade clássica, a história do Labirinto e do Minotauro tem o carácter de lenda, apresenta-se como um mito, representa algo que poderá ter acontecido e que tem carácter de ensinamento. Nas fontes seleccionadas (Apolodoro, Higino e Ovídio e obras gerais sobre a Grécia clássica), é de referir o papel do Touro na concepção de Minos e de Minotauro, e o papel de Dédalo, de Teseu e de Ariadne na construção do enredo. Posteriormente, no século XVII, há um redescobrir da espiritualidade, em particular devido ao aparecimento de novas correntes religiosas cristãs e à resposta da Igreja Católica a este respeito. Foi escolhida a obra de Comenius para exemplificar as relações estabelecidas entre crescimento espiritual e conquista da Sabedoria. O critério foi ter dois exemplos paradigmáticos.

Tanto na antiguidade clássica, em que a existência de um espaço destinado à prática de sacrifícios/rituais era fundamental para a compreensão dos ensinamentos nele ministrados, como na obra de Comenius, em que a sua existência é interior, estamos a considerar situações utópicas, isto é, situações ideais, que apenas são possíveis de experienciar localmente por eleitos, ou interiormente por aqueles que o adquiriram o privilégio de lhe aceder. Há uma contraposição, no caso de Comenius, entre a realidade utópica e uma outra distópica, enquanto na antiguidade clássica se verifica uma transmutação do próprio lugar através do estatuto adquirido pelos que nele penetram e que dele saem. Em ambas as situações a utopia verifica-se na reunião da “emoção” com a “razão”.

Este artigo está organizado em seis secções. Na secção 2 analisa-se o conceito do labirinto clássico conforme as fontes consultadas. Quanto à secção 3, nas considerações dos



responsáveis pela apresentação da sua versão em inglês, faz-se uma introdução à obra de Comenius. Relativamente à secção 4 analisa-se a obra de Comenius. Na secção seguinte, a 5, mostram-se posicionamentos de outros autores que se debruçaram sobre as mesmas questões que analisamos. Na secção final, a 6, tecem-se considerações finais tendo em atenção o carácter utópico da proposta que fazemos.

### *O labirinto clássico: o ritual num templo lendário*

Em Apolodoro descreve-se como Zeus se encantou de Europa e, transformado em Touro, a fecundou, tendo nascido Minos, que herdará o trono da ilha de Creta em troca do sacrifício de um touro que surgirá sobre as águas, em honra de Poseidon; contudo o animal em causa foi substituído por outro. Zangado com Minos, o deus vingava-se fazendo apaixonar a esposa do rei, Pasífae, pelo touro não imolado. Recorrendo ao engenho de Dédalo, a rainha concebe Astério, denominado de Minotauro, cuja cabeça é de touro e o corpo de homem. Com o crescimento, o ser híbrido torna-se violento e é necessário isolá-lo - para tal Dédalo é encarregue de construir o labirinto onde foi encerrado o Minotauro. Todos os anos é pago um tributo pelos atenienses que foram derrotados pelo rei Minos, que consiste em sete rapazes e sete raparigas enviados para o interior do labirinto, sendo devorados pelo “monstro”. No terceiro ano, Teseu, filho do rei de Atenas, oferece-se para fazer parte do grupo oferendado. Ariadne fica cativa de Teseu assim que este chega e, conhecedora das suas intenções<sup>2</sup>, tentar matar o “monstro” e sair do labirinto, oferece-lhe um fio para que ele se possa orientar no interior da estrutura. Após sair do labirinto, Teseu foge com Ariadne, contudo Dioniso enamora-se dela e rapta-a. O seu papel foi, contudo, determinante para a prova de Teseu. Minos, ao aperceber-se do que tinha acontecido e descobrindo o envolvimento de Dédalo, encerra este e o seu filho Ícaro no interior do labirinto, donde estes conseguem fugir construindo asas artificiais. Ícaro voa demasiado alto e, por causa disso, destrói as asas, o que conduz à sua queda e consequente morte. Em Higino a história é narrada parcialmente com os mesmos elementos. Em Ovídio é de referir que a criação do labirinto é descrita com maior detalhe, associando-a às correntes dos oceanos.

---

<sup>2</sup> E instruída por Dédalo.



Apolodoro conta que Dédalo foi o primeiro a fazer imagens, e Higinio, por sua vez, diz-nos que as fez dos deuses, pormenor importante, pois mostra-nos a percepção de uma realidade sobrenatural, assunto a que voltaremos.

### *Introdução à obra de Comenius*

Na obra em análise de Comenius foi utilizada a tradução inglesa, prefaciada e introduzida por Jan Lochman, Howard Louthan e Andrea Sterk, onde se refere o espírito ecuménico e a experiência do Cristo vivo. Para Comenius, segundo a apresentação desta edição, o mundo corresponde a um labirinto que atormenta a humanidade, mas há esperança de que se alcance a paz ao chegar ao “paraíso do coração”. O texto tem relevância multinacional e tanto concerne ao mundo de hoje como ao da altura em que foi produzido.

O “labirinto” de Comenius começa num mercado internacional, onde várias línguas se falam ao mesmo tempo, como se antecipasse a atual globalização. No percurso do peregrino este avalia várias profissões à procura da verdade e chega até a visitar o castelo da Sabedoria, mas fica sempre desapontado. Comenius valoriza o empirismo e a analogia com o mundo natural, tal como destaca um novo papel para a educação, para além do sofismo e o vazio do academismo auto-recorrente. Comenius entende que a compreensão do mundo se faz através dos sentidos, da razão e da fé, permitindo desse modo distinguir a virtude do vício e o bem do mal.

Para Comenius o “labirinto” é uma metáfora não só para o caos do mundo, mas também para a multiplicidade dos conhecimentos, opiniões e alienações mentais que se produzem a partir dele. Os guias do percurso são a “Ubiquidade” e a “Ilusão”, que colocarão à prova a razão e a fé do peregrino. A verdadeira espiritualidade descoberta na segunda parte da obra de Comenius é uma inversão dos valores mundanos, pois estes esqueceram o que era essencial, mesmo o próprio rei Salomão foi iludido. Cristo só se mostrará quando o peregrino voltar à origem, ao interior do seu coração, correspondendo essa condição a um renascimento e a uma união com a Igreja Espiritual representado por Cristo, uma transformação profunda, purificando a razão. Comenius propõe uma ciência universal ou Pansofia.



*O percurso místico em Comenius; a revelação interior*

No início chegam os guias: a Ubiquidade, que pelo seu nome mostra, a nosso ver, a possibilidade de averiguar em todos os pontos do mundo, e a Ilusão, segundo guia, que se dispõem a contentar as suas aspirações.

O mundo encontra-se dividido em seis setores, para além do castelo da Sabedoria. O guardião de acesso ao mundo, denominado Destino, permite excepcionalmente que o peregrino entre só e sem uma profissão certa, com a missão de especular. No mercado do mundo em que penetra vê a maior confusão de pessoas; num espaço degradado, estas usam máscaras, só as retirando quando estão entre os seus semelhantes, portanto mostrando aos outros o que não são. O acesso ao mundo, ao labirinto propriamente dito, é feito, após o casamento. Consideramos que o Destino condiciona as oportunidades (como se vê com a ocupação e o casamento) e que só através de um esforço consciente se pode ultrapassar a condição original.

O peregrino observa a classe dos trabalhadores, chegando à conclusão de que os seus esforços são vãos e conduzem muitas vezes à exaustão, à pobreza e a inúmeras dificuldades. Verificamos que neste sector da sociedade, por enquanto, não se consegue vislumbrar o universo suprassensível e o complemento de saber a ele associado.

Ao chegar à classe dos eruditos, é-lhe explicado que eles procuram a omnisciência, que os tornará imortais como Deus, mas os conhecimentos são pagos materialmente e a insatisfação é geral. A maioria limita-se à transferência do conhecimento e poucos são os que lhe dão um cunho original. Existem opiniões contraditórias e a validade depende dos argumentos, das paixões e de uma perspectiva predeterminada. Assim, a nosso ver, existe um desconhecimento da verdadeira natureza dos fenómenos, mesmo quando se executam medições de tudo o que existe no mundo real. Avaliamos a classe dos eruditos como estando iludida com os seus próprios métodos e opiniões inconstantes.

O peregrino vê que a predisposição para a religião também conduz a uma diversidade de manifestações, cada uma das quais se pretende a verdadeira. Pela não observância dos preceitos morais, pensamos que falta a “fé”, que unirá “emoção” com “razão” na revelação mística.



Noutra rua, o peregrino observa a classe dirigente, que, grande parte das vezes, obtém os seus cargos através da corrupção, por isso faltam-lhes “membros”, símbolo, julgamos, de que perderam a sua integridade.

Eis que o peregrino chega ao castelo da Fortuna onde se depara com uma multidão chorosa que espera, pelo menos, vislumbrar a Dama. Alguns, desesperados, abandonam a sua busca retornando às suas ocupações. Os agraciados, contudo, são vistos pelo peregrino, que faz uso de uma visão pré-clara, como acorrentados ao que valorizam. Na nossa opinião o peregrino vislumbra o carácter perene da insatisfação permanente e do deslumbramento dos sentidos, enquanto dependência do que é transitório.

A glória e a fama são reconhecidas, atribuídas e publicitadas, sendo uma forma de “imortalidade” mundana atribuída a pessoas cuja conduta é, na verdade, execrável. Os artistas contribuem, também, para perpetuar estas personalidades (embora a sua representação nem sempre condiga com as aparências, podendo, por tal, ser mais verosímil).

O peregrino põe em causa a orientação dos guias, pois está desiludido, apesar de lhe dizerem que o advertiram para não contestar nada e aceitar tudo. “Nós nos agarramos às sombras enquanto a verdade em todos os lugares nos escapa. Ai de nós.”<sup>3</sup> (COMENIUS 1998: 164) Os guias decidem levá-lo ao castelo da sua rainha, a Sabedoria, a senhora do mundo.

O peregrino é então apresentado para julgamento perante a rainha e vê chegar Salomão, rei de Israel, acompanhado de profetas e filósofos, entre outras figuras ilustres. A rainha do mundo atende aos pedidos dos pobres, dos industriais, e dos eruditos que procuram a imortalidade (que só é conferida às suas obras). Salomão, apesar de toda a justeza das decisões, desconfia de uma impostura e retira o véu que encobre a Sabedoria e expõe-na como “Injustiça”, “Fúria”, “Escravidão”, entre outros atributos. Tendo adquirido a “Sabedoria”, por desvelá-la, Salomão começa a ensinar os que o rodeiam, em particular os artesãos, não tendo sucesso, contudo, com a classe dos religiosos, que o voltam a submergir nos assuntos mundanos. Consideramos que nesta parte da narrativa o protagonista é confrontado com a sua própria natureza humana, pois, recordamos, se encontra em julgamento, e, aterrorizado com o vazio da personalidade, procurará, como

---

<sup>3</sup> We grasp at shadows while the truth everywhere eludes us. Woe to us.



veremos, o refúgio e o consolo no seu interior: a identidade, que redescobrirá na união de “emoção” e “razão”.

O peregrino chegou ao limite das suas capacidades de aceitação e quer, então, afastar-se do mundo, descer às profundezas. E, é nesse momento, que ouve o chamamento para “regressar”. «Sem saber para onde voltar ou como sair da escuridão, comecei a sofrer. Mas então a voz gritou uma terceira vez: “Volte ao lugar de onde veio, para a casa do seu coração, e feche a porta atrás de si!”»<sup>4</sup> (COMENIUS 1998: 187) Reconhecendo a voz de Deus, o peregrino centrou-se no coração e isolou-se em relação ao exterior. Então uma luz brilhante desceu sobre ele e o próprio Cristo o abraçou e beijou, reconhecendo-o como irmão, dizendo-lhe que o que buscara no mundo se tinha encontrado sempre ali, com ele. Cristo diz-lhe também que o acompanhou no seu percurso, que serviu apenas como aprendizagem. Quanto mais simples se tornar, maior a sua Sabedoria. Deve procurar servir e não ser servido. Deve procurar não as honras materiais, mas sim o conforto espiritual. Na nossa opinião este é o momento da revelação mística, interior, a que se chega através de provas, simultaneamente exteriores, atos, e interiores, virtudes adquiridas através da experiência.

Ao peregrino são conferidas asas para chegar ao Céu, assim como a missão de voltar para junto dos que permanecem no labirinto para os confortar. Para a maioria, as luzes do mundo cegam-nos, tornando impossível chegar à dimensão interior. Há uma inversão dos valores presentes no mundo exterior, pois no interior tudo encontra o seu lugar e a razão está ligada à fé. O peregrino percebe a essência para além da mera aparência. As provas requeridas pelo mundo exterior não podem ser fornecidas no que respeita ao invisível, em que o mecanismo do mundo parcialmente opera e ao qual se acede apenas através da fé, por isso, pensamos, existem limites para o que a “razão” apreende e julgamos ser necessária a união utópica com a “emoção” para um conhecimento integral.

O cristão, tendo-se unido com Cristo, pode ser livre dos constrangimentos exteriores, servindo com alegria o seu próximo. Cristo quer que o peregrino não deixe de disfrutar da vida terrena, apenas lhe pede para O conservar no coração. O processo de transformação conclui-se, na nossa perspetiva, pois simbolicamente aliou-se a “razão”,

---

<sup>4</sup> Not knowing where to return or how to get out of the darkness, I began to grieve. But then the voice called out a third time: «Return whence you came, to the home of your heart, and shut the door behind you!»



partindo das reflexões do labirinto do mundo, com a “emoção” que se encontra no coração.

*Algumas posições sobre as questões levantadas*

Segundo Cagnolati (2009), a obra de Comenius não teve a devida apreciação por não ser escrita em inglês. Comenius descreveu um mundo ao avesso, uma descida aos infernos, que prende o leitor por se apresentar na primeira pessoa do singular, acrescida pelo uso de uma ironia ao estilo de More ou Erasmus. A desilusão do labirinto conduz ao desespero do peregrino que invoca Deus e, encontrando-o no seu coração, isola-se do exterior. Posteriormente é-lhe transmitida uma missão evangelizadora, educadora.

Glenn (2018) considera que a obra de Comenius deve ser enquadrada no contexto em que foi produzida, tendo, contudo, antecipado muitas das reformas do ensino. Comenius, após os seus estudos, assume funções de professor e de clérigo. É convidado por diversas instituições, em diversos países para reestruturar o ensino, mas os sucessos tendem a fugir-lhe e é vítima do clima de constante agitação político-militar que destrói grande parte da sua produção literária, em particular a dedicada à Pansofia. Comenius procurou unir não só as várias áreas do conhecimento, como as fações sociais (em particular os diversos cultos cristãos). Em relação ao “Labirinto” que é comparado a “O Caminho do Peregrino” de Bunyan, descreve o processo de crescimento espiritual através da graça de Deus. Noutros livros, Comenius expõe as suas ideias em relação à Educação Universal e procura, igualmente, uma Linguagem Universal (para ele, o latim), tendo recorrido, para facilitar a compreensão, à ilustração. A reforma do mundo passa por uma reforma da educação, religião e política.

Segundo Araújo (2013) a narrativa clássica do labirinto traduz um rito iniciático, posição com a qual concordamos, pois retrata claramente um regresso ao útero materno e um renascimento no que é a saída desse mesmo labirinto. Este processo representa em si um método de ensino, uma prova pela qual se tem de passar para se poder adquirir uma outra condição, neste caso associada à maioridade. A entrada no labirinto apenas estava reservada aos eleitos (como notámos, sempre em número de sete, as etapas do processo iniciático na antiguidade). O objetivo era atingir o centro do labirinto. É um exemplo do



uso da força com a astúcia, do poder masculino com a contraparte feminina, estando envolvidas tanto a “razão” como a “emoção”. O centro corresponde a uma reconstrução do mundo e a viagem para o alcançar é simultaneamente interior e exterior. Araújo refere que Mircea Eliade considera três tipos de iniciação e que aquela que se apresenta na narrativa clássica reproduz um rito de puberdade (na nossa perspetiva, a situação descrita no relato de Comenius representará uma iniciação mística, por revelação interna, nessa tipologia). No interior do labirinto, contactando com o Sagrado, o neófito vence o medo e adquire uma outra condição, um novo tipo de existência, pois passou por provas que o transformaram, neste caso conduziram à passagem ao estado adulto, onde poderá experimentar uma nova espiritualidade. Teseu e o Minotauro representam dois estados distintos do mesmo ser, sendo o primeiro o resultado da transformação (a anulação da “bestialidade”).

A perspetiva apresentada por Vilas-Boas (2003) foca-se nos labirintos contemporâneos, que na nossa perspetiva foram antecipados por Comenius. Para ele é importante a cadeia de transmissão do mito, oral e escrita, como forma de apreender a mensagem codificada culturalmente na origem. Assim, o mitema do minotauro poderá ter várias versões, sendo que numa delas aparece até como “inofensivo prisioneiro bastardo” encerrado no labirinto para impedir qualquer reclamação em relação ao trono de Minos. Noutra surge como usando a máscara de Touro. E numa outra é levado como prisioneiro e atração mediática para Atenas. Existem versões para todos os gostos, nalgumas o Minotauro é imortal, protagoniza estórias de amor e emigra para regiões distantes. Temos, pois de distinguir, na opinião deste autor, entre a versão dominante, de monstro a eliminar, e uma outra passível de ser verdadeira e em que o Minotauro apenas amedronta, com fins políticos em vista. O carácter humano do Minotauro é patente nalgumas das suas representações, embora tenha quase sempre uma conotação negativa. Nalgumas situações o labirinto é associado a cidades, noutras a espaços vazios sem fim. Em qualquer dos casos é preciso sair do labirinto, conquistar a liberdade.

Manuel Matos (2009) analisa a questão do labirinto nas fontes literárias, na música, e ainda nas artes plásticas: o labirinto clássico cretense, o “labirinto de amor” de Boccaccio, o labirinto musical de Agricola e as pinturas com motivos associados ao mito dos pintores flamengos Valkendorf e Bol. Na narrativa clássica, Dédalo e Ícaro conseguem sair do labirinto em que são encerrados, embora com destinos distintos. Este labirinto é um



espaço do qual só se poderá sair, segundo Matos, através da astúcia ou da fé, sendo que é necessária uma transfiguração para que o processo se conclua. Também para este autor o Minotauro “carnaliza” Teseu, e a condição com que Dédalo e Ícaro abandonam o labirinto está no limite da humanidade (pois são dotados de asas). Dédalo aconselha o filho a voar a meia altura, mantendo em harmonia a “água” e o “fogo”. Ícaro, confiante em excesso, irá voar demasiado alto sendo aniquilado por ambos os elementos. Matos analisa as narrativas amorosas do final da Idade Média e, em concreto a história “Corbaccio” de Boccaccio, que retratará os defeitos da mulher amada. O labirinto é uma floresta da qual terá de sair sendo guiado e instruído pelo falecido marido da amada que lhe revela a verdadeira personalidade desta. Agrícola conduz o ouvinte da sua composição musical para uma experiência espiritual do labirinto. Valkendorf e Bol representam nas artes plásticas elementos do labirinto, sendo que o primeiro representa um labirinto-jardim num plano celestial, no sentido de refúgio, e o segundo o episódio da fuga de Dédalo e Ícaro, o eterno sonho de tornar-se homem-pássaro.

Armogathe (1974) considera que, mais do que uma conceção do absoluto, a Pansofia é, no pensamento de Comenius, uma metodologia totalizante. O uso do labirinto por Comenius é uma referência não só aos exemplos clássicos, mas também aos barrocos e aos espirituais que se encontram em catedrais e são os caminhos que conduzem a Jerusalém (preferindo-se a localização espiritual em detrimento da geográfica). Só com o recurso à Pansofia o peregrino se orientará no labirinto, que se apresenta, desordenadamente, como Torre de Babel onde proliferam diferentes línguas. O labirinto é visto como etapa para atingir a Sabedoria, com a revelação de Cristo.

Relativamente à posição de Aguiar, Custódio e Corrêa (2019), estes referem que a obra de Comenius tem valor pedagógico místico, uma nova forma de ensino, sendo a saída do labirinto o objetivo a alcançar. Didaticamente, o peregrino transformado, através do encontro com Deus no seu coração, está no mundo sem pertencer verdadeiramente a ele. Para estes autores, Comenius reescreve a temática de *Eclesiastes*, representada e pensada na análise da vaidade mundana, que critica e condena, atribuída a Salomão. A pedagogia de Comenius para os autores reside na alegoria. Para nós, reside na união entre “emoção” e “razão”.

Segundo Hábl (2019), Comenius tem importância académica por defender um conhecimento unitário e universal (razão de ser da universidade). A obra de Comenius



tem preocupações com a justiça social e a moral individual. Através da alegoria, comunica com o leitor que, com a sua imaginação, fica conectado emocionalmente com o que lê. O facto de se representar os académicos como formatados, e surgirem com sentidos em falta, expressa os rigores e os erros do processo educativo: apropriação e diluição de conhecimentos. Segundo o autor, alguns consideram que Comenius na sua obra critica o mero conhecimento racional, que levou a tantas contradições ao longo dos séculos (nas oposições que refere, e que não tem em conta os dados dos sentidos e do espírito). Para Comenius o mundo forma um todo e a sabedoria universal cria a Pansofia. Na educação a realidade deve fluir naturalmente para o estudante, procurando a harmonia em toda a Criação. O pensamento de Comenius enquadra-se no espírito da renascença, pelo seu carácter universal, e da Reforma, pela procura do regresso às origens da Igreja. A aprendizagem e a religião não precisam de mediadores, estando a escola presente na vida e no contacto com a natureza (enquadrando-se no contexto da sabedoria universal, da linguagem universal e da harmonia universal).

Há a considerar na posição de Aguirre (2021) a importância da obra de Comenius para a transformação individual e coletiva, na qual se revaloriza o pensamento neoplatónico. A autora considera que Comenius foi inspirado por More, Campanella, Bacon e Andreae, que mostraram também sociedades ideais, utópicas. O paradigma da transformação com vista à perfeição passa do estado inicial no percurso, como *homo animalis*, para o final, como *homo spiritualis*. O labirinto representará várias etapas no processo de crescimento espiritual, iniciático, implicando a resposta do homem total, para ultrapassar os obstáculos. No centro, no coração, encontra a paz, regressa à pátria esquecida e é reenviado para o mundo. A autora termina, com o que concordamos, considerando necessário recuperar a solução apresentada por Comenius.

No que respeita a Houston (2006), são analisados quatro tipos de Utopias e Comunidades Globais, sendo que os dois primeiros corresponderiam a lugares exteriores, embora idealizados, e os segundos a lugares interiores, a que se acederia através da introspeção/meditação. O autor começa por considerar que os relatos dos navegadores renascentistas conduziram à conceção de narrativas em torno de sociedades ideais que existiriam noutros lugares. Ao mesmo tempo que os navegadores reduziam o tamanho do globo, ao dá-lo a conhecer aos europeus, no que representa o primeiro passo para a globalização, também contribuíram para criar o mito da comunidade ideal, de difícil



acesso e que se encontrava protegida em relação ao resto do mundo. No século XVII, vários foram os escritores que abordaram estes temas. Campanella e Bacon procuram as mudanças na sociedade; Andreae e Comenius a mudança individual através da Comunidade Cristã Invisível. Tanto Bacon como Campanella querem alterar o modo de vida das suas próprias comunidades, sendo que Bacon procura mesmo transpor os seus ideais para o mundo inteiro. “Cristianopolis” de Andreae revela que a sociedade ideal está ao alcance de todos, pois a sua dimensão é espiritual: a Comunidade Cristã Invisível. Comenius n’ “O labirinto do mundo e paraíso do coração” mostra a revelação interior de Cristo no momento de total desalento do peregrino. Também em Comenius o peregrino passa a fazer parte da Comunidade Cristã Invisível, perante a qual os interesses mundanos perdem o seu fulgor. São duas perspetivas diferentes, mas que a nosso ver se complementam: transformar o mundo para o tornar próximo do ideal utópico e/ou transformarmo-nos para que possamos ter uma presença mais plena no mundo pelas vivências espirituais que experimentámos.

Os onze primeiros autores que referimos nesta secção abordaram, igualmente, os assuntos investigados por nós e confirmam o papel transformador do labirinto e o correspondente crescimento espiritual. Para eles, ultrapassar, percorrer o labirinto, conduz a um novo patamar na existência. O último autor debruça-se especificamente sobre a questão da utopia, na transformação da comunidade (global) e mostra duas atitudes distintas ao alcance do ser humano: o serviço exterior e a revelação interior.

### *Considerações finais acerca da construção utópica do conhecimento*

Na narrativa de Comenius, o peregrino percorre um espaço distópico e outro utópico, sendo que o percurso no primeiro é necessário para aceder ao segundo. No segundo espaço, onde ocorre a transformação, o peregrino tem finalmente acesso à Sabedoria, por aliar a “razão” com a “emoção” – a “fé”, que emana da aliança destas duas características humanas, é o alicerce para o conhecimento, que se adquire, nos limites da epistemologia, pela crença.

O labirinto, na época clássica, é descrito como um emaranhado de salas e corredores onde está encerrado o Minotauro, por ordem de Minos, rei de Creta. É o palácio do duplo



machado, representando este o fulgor espiritual. Apenas são admitidos no seu interior os que se tornaram elegíveis para tal. A referência às correntes marítimas profundas, da obra de Ovídio em relação à construção do labirinto, corresponde ao inconsciente profundo que é preciso tornar presente, e sublimar, no processo de crescimento individual. Na nossa perspectiva este labirinto é na realidade um templo, onde ocorre a transformação e a aquisição de uma nova condição através dos rituais executados: um espaço utópico por natureza, pois não se encontra acessível a todos.

O Minotauro resulta da união entre a rainha Pasífae e o touro<sup>5</sup>, que foi oferecido a Minos por Poseidon, e foi escondido dos olhares humanos para impedir a humilhação pública do rei. Simboliza, na nossa opinião, a natureza inferior e a força física.

Teseu representa o herói que se transforma no percurso. Entra no labirinto com o fio fornecido por Ariadne, após promessa de casamento. Enfrenta e vence o Minotauro, significando, para nós, a morte deste a superação da natureza inferior. Saindo do labirinto foge com Ariadne, que abandona, pois, para nós o seu papel tinha terminado.

Dédalo representa o artista-artesão e é o criador do labirinto. Encerrado no interior deste com o seu filho Ícaro, pelo rei Minos, após a fuga de Teseu e Ariadne, conseguem sair pelo ar graças a umas asas que concebe. Representa a razão pura, não descurando a emoção, conhecendo por isso mesmo os limites dos seus engenhos, mas como vive no mundo do pensamento pode contemplar a realidade invisível. Ícaro representa os sonhos desmedidos, de querer voar até ao sol. Para nós, a sua imprudência, por não ter a emoção contrabalançada pela razão, leva-o a precipitar-se para a morte.

Cagnolati assinala, e bem, a transformação que ocorre no interior do coração do peregrino e que o capacita para uma nova atitude perante o mundo.

Glenn, por sua vez, alerta que as reformas propostas por Comenius não são desconectadas umas das outras e que aquelas que se destinam à Educação estão ligadas com as da Religião.

Concordamos com Araújo, no que se refere ao percurso no labirinto clássico quando ele refere que a formação/transformação, no fundo o processo educativo, está dependente das

---

<sup>5</sup> O touro aparece tanto na concepção de Minos como na do Minotauro. A simbologia da morte sacrificial do touro reside no sentido de batismo e aquisição de uma nova condição para aquele que a executa. Tanto em Minos como no Minotauro estão expressas a força adquirida na sua concepção tornando-os combatentes exímios.



provas prestadas. A aquisição da verdadeira Sabedoria decorrerá sempre num espaço utópico, mesmo que seja representado pela contraparte do caos do quotidiano ou na perspectiva clássica pelos inúmeros “becos sem saída” que é necessário saber ultrapassar, mas que correspondem, como dissemos no início, a uma representação padronizada do próprio cérebro e do processo de criação de conhecimento.

Vilas-Boas recupera as variantes da história do labirinto e do Minotauro ao longo das épocas e, na nossa opinião, consegue mostrar que, simbolicamente, esta personagem é ambígua e necessária à construção da identidade do ser humano, quer pela vivência da narrativa enquanto “leitor”, quer através do reconhecimento na nossa psique de um obstáculo a ultrapassar. Há um valor psicológico e pedagógico a ter em conta.

Armogathe adverte-nos para o facto de o conhecimento em Comenius ser visto numa perspectiva espiritual, que a nosso ver será utópica.

Em relação ao texto de Matos sobre o labirinto, consideramos pertinente a verificação da multiplicidade de representações em vários meios de expressão, sendo que o intuito da contemplação ou vivência das obras consideradas é sempre o crescimento espiritual. Há também, na nossa perspectiva, uma diferenciação de espaços colocando o labirinto numa posição mais imaterial e mais utópica.

Aguiar, Custódio e Corrêa, na nossa opinião, restringem a análise ao suposto papel de Salomão, que, apesar de importante, não representa o contributo essencial da obra, pois apenas conduz o peregrino ao local da transmutação. Há, contudo, pensamos, a valorizar o papel utópico a desempenhar pela educação.

Segundo Hábl o carácter universalista do conhecimento em Comenius, como nós temos vindo a referir desde o início (na associação entre “emoção” e “razão”), enquadra-se num quadro de reformas que ele propõe para transformar o mundo, a partir da transformação do ser humano, no qual a Educação tem um papel fundamental.

Aguirre vê, e bem, a narrativa de Comenius de uma perspectiva de crescimento, mas descarta a ligação entre os dois complementos humanos, a “emoção” e a “razão”, imprescindíveis para uma verdadeira transformação utópica do indivíduo e do mundo.

Importa considerar a conceção platónica, onde as imagens surgem no mundo sensível, pertencendo a sua essência ao mundo das ideias. Temos nas narrativas clássicas o exemplo do uso da imagem por Dédalo, que representa os deuses, sinal que os viu, no mundo suprassensível. Na narrativa de Comenius existe também o recurso à revelação de



que mesmo a “Sabedoria” no mundo exterior do quotidiano não passa de um simulacro, uma vez que Salomão a revela após esta ter começado a escamar a tinta que a reveste. Nesta narrativa existe também a perene “imortalidade” conferida às obras e aos retratos dos famosos na visita ao castelo da “Dama Fortuna”. Uma imagem é uma reprodução. A “emoção” e a “razão”, como componentes essenciais da psique humana, encontram-se representadas nas narrativas clássicas, e na de Comenius, relativas ao labirinto. Existe uma associação da “razão” ao aspeto solar, objetivo e masculino e da “emoção” ao aspeto lunar, subjetivo e feminino. Teseu representa o aspeto solar, que tem de ser transmutado no confronto com o Minotauro. Ariadne, que com a sua coroa ilumina os recantos do labirinto que Teseu percorre, representa na narrativa clássica o papel da emoção. Na narrativa de Comenius o peregrino consegue reunir em si próprio a “razão” e a “emoção”, quando chega ao “paraíso do coração”.

De assinalar que, nos labirintos apresentados na antiguidade clássica, Ariadne servia de guia, que fornecia, dessa forma, o caminho único a percorrer, e na obra de Comenius ele tem dois guias, que o levarão à revelação final da verdadeira fonte de conhecimento, assente num caminho intuitivo e privado. Enquanto o ser humano não se reconhecer na sua plenitude e se situar integralmente no momento, tanto a nível do espaço como do tempo, não poderá agir com a necessária sabedoria, seguindo ao sabor das correntes mais fortes que escondem a sua origem e o confundem com a sua presença. Iluminando o percurso exterior tornará também claro o interior, dissipando as aparentes confusões com que se depara.

Como ficou expresso, a literatura mostra exemplos que, devidamente apreendidos, caracterizam o labirinto e restringem a ação a becos sem saída ou a caminhos percorridos pela metade, por falta de um guia adequado que o auxilie através da imaginação, que também terá de ser contida (veja-se a situação de Ícaro). Só conjuntamente conseguirão ultrapassar o “monstro” que os aguarda no centro, no interior do labirinto, transmutando dessa forma a natureza do conhecimento.

No texto de Houston que abordámos, apurámos que no século XVII existiram vários autores a debruçar-se sobre as utopias globais e a forma de transformar o mundo, no sentido de o aproximar das sociedades ideais apenas vislumbradas por alguns afortunados. Esse processo conduz ou o homem a uma intervenção direta na comunidade, ou à situação de Comenius, que implica a união com Cristo e possibilita o ingresso na



Comunidade Cristã Invisível, momento a partir do qual, pela sua ação, mais consciente, poderá atuar no mundo, auxiliando o seu próximo na construção de uma sociedade mais perfeita. A utopia, na nossa opinião está, pois, preferencialmente, relacionada de forma íntima com o processo interior de aquisição do verdadeiro conhecimento e associada a ele e à necessária transformação do ser humano, mas concordamos que a ação social exterior também pode e deve ser valorizada. Na antiguidade a experiência de transformação ocorre num edifício, o labirinto, no contexto cristão ela ocorre no interior do próprio indivíduo, sendo o labirinto considerado como a realidade exterior. Na antiguidade era uma prova para alguns eleitos, a partir do cristianismo está acessível a todos aqueles que o queiram e consigam.

Conforme verificámos, e confirmámos, nas obras de outros estudiosos sobre o assunto, os textos em análise – as narrativas clássicas e a obra de Comenius – correspondem sempre a situações ideais, onde as provas são colocadas à frente daqueles que percorrem o caminho de transformação pessoal, que correspondem à verdadeira Educação e ao crescimento individual. A nosso ver, contudo, esse processo ideal deve ser transposto para a dimensão quotidiana do estudo e da investigação, promovendo as relações entre “razão” e “emoção” e permitindo ao Homem existir integralmente, numa condição global, não-fragmentada ou enviesada pela excessiva especialização. Desse modo, estará ao alcance de todos a capacidade de inovar e tornar conscientes realidades ocultas no interior de nós próprios.

Assim, o labirinto, na simbologia que lhe está associada, representa uma utopia, pois, qualquer que seja, é um modelo idealizado da realidade e, para além disso, é uma metáfora para o conhecimento global, referido por Comenius como a Pansofia. Deste modo, individualmente e em grupo, a saída do labirinto é sempre um sinónimo de transformação e crescimento do ser humano. A educação e as experiências que o quotidiano podem proporcionar, para que essa condição se adquira, devem ser privilegiadas por aqueles que, conscientemente, as criam. O conhecimento de carácter global deverá incluir, pois, preferencial e utopicamente, como ficou demonstrado na análise, a junção da “emoção” com a “razão”, a qual, na famosa fórmula do rei Salomão, se define como “coração inteligente”: tal é a pesquisa que se pretende aprofundar futuramente.



## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Thiago, CUSTÓDIO, Maria e CORRÊA, Rafea. «O labirinto do mundo ou uma alegoria do Eclesiastes no século XVII». *Notadum*, ano XXII, nº 51, 2019.
- AGUIRRE, María. «El labirinto comeniano o el anhelo de una gran transformación social (1623)». *Pedagogia y Saberes*, 2021, pp. 9-21.
- APOLODORO. *Biblioteca Mitológica*. Madrid: Alianza Editorial, 2016.
- ARAÚJO, Alberto Filipe. «Labirinto e iniciação. Da Natureza do Rito Iniciático do Herói». *Revista Portuguesa de Filosofia*, 2013.
- ARMOGATHE, Jean-Robert. *Comenius et le labyrinthe mystique*. Baroque, 1974.
- CAGNOLATI, Antonela. *Las vías de fuga del laberinto: razón y libertad en el pensamiento de Comenio*. La Rioja: Fundación Dialnet, 2009.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANDT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Lisboa: Editorial Teorema, 1982.
- CIRLOT, Juan Eduardo. *Dicionário de símbolos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.
- COMENIUS, John. *The labyrinth of the world and the paradise of the heart*. New Jersey: Paulist Press, 1998
- GATTEGNO, David. *Símbolos*. Lisboa: Hugin Editores, 2000.
- GLENN, Justin. «The intellectual-Theological Leadership of John Amos Comenius». *Perichoresis*, 2018, pp. 45-61.
- HÁBL, Jan. «The Allegory of Learning in Comenius' Labyrinth of the World and Paradise of the Heart». In KUDLÁCOVÁ, Blanka e RAJSKÝ, Andrej (Ed.), *Education and "Pädagogik"-Philosophical and Historical Reflections*. Bratislava: VEDA, Publishing house, 2019.
- HIGINO. *Fábulas*. Madrid: Editorial Gredos, 2009.
- HOUSTON, Clöe. *No place and New Worlds: The Early Modern Utopia and the Concept of the Global Community*. Londres: Spaces of Utopia: An electronic journal, 2006.
- KERÉNYI, Karl. *Os deuses gregos*. São Paulo: Editora Cultrix, 2000
- MARTIN, René (Dir.). *Dicionário cultural da mitologia Greco-Romana*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.



MATOS, Manuel. «Uma aproximação à problemática do labirinto em alguns andamentos diacrónicos de inspiração helénica (de Ovídio a Pausânias e de Boccaccio e Agricola a Valkenborgh)». *Revista de Mitocrítica*, 2009, pp. 1-22.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Lisboa: Livros Cotovia, 2007.

VILAS-BOAS, Gonçalo. «O Minotauro e os labirintos contemporâneos». *Cadernos de Literatura Comparada*, 8/9: *Literatura e Identidade*, Porto, 2003, pp. 245-271.